Nick, Eva & Rodrigues, Eliana. *Modelos em psicologia.* Rio de Janeiro, Zahar, 1977. 105p.

A pesquisa em psicologia vem questionando sempre mais seus próprios fundamentos, sua infra-estrutura, seus instrumentos, como único meio para entender, em cada situação, o alcance de seus resultados.

Este livro propõe-se enfrentar um questionamento essencial, nesse rumo. Cabe-lhe, portanto, cumprir uma exigência crítica e preencher uma lacuna.

A extensão e a amplitude do termo "modelo" tornou-se, hoje, o alvo de preocupações crescentes sem que se tenha alcançado a desejável clareza nesse campo, que permanece cercado de marcante incerteza. Os conceitos a que se refere esse termo são por vezes exorbitantes ou escassamente delineados, chegando a envolver noções conflitantes ou já designados por termos distintos.

As autoras resolveram enfrentar a árdua tarefa de analisar criticamente este problema, a fim de oferecer soluções e clareza nesse campo, restituindo-lhe a ordem imprescindível pela análise de conceitos e definições.

Numa avaliação preliminar, cabe afirmar que esse objetivo parece ter sido plenamente alcançado. As autoras, graças ao espírito científico e ao rigor lógico com que conduziram sua investigação conseguiram efetivamente atingir um delineamento claro e preciso do que se deve entender por modelo, através de uma obra que é absolutamente singular e pioneira.

Os sete capítulos deste livro compõem, essencialmente, duas partes, das quais a primeira é pré-requisito indispensável à inteligência da segunda. Na primeira – envolvendo três capítulos – discute-se criticamente o que seja um modelo, na segunda, apreciam-se modelos aplicáveis à psicologia, notadamente na área da percepção e da aprendizagem.

Na primeira parte avalia-se, inicialmente, o conceito de "modelo" em ciência e as relações entre teoria e modelo, a fim de não sobrepor – como alguns investigadores costumam fazer – os dois conceitos.

As três colocações epistemológicas descritas por Nagel que deveriam nortear qualquer tomada de posição são apresentadas como "dimensões" ou "fatores" das diferentes perspectivas: a *realista* que atribuiu um sentido objetivo aos dados empíricos de qualquer formulação teórica; a *instrumentalista,* que considera a teoria como mero instrumento e conjunto de regras, e a *descritivista* que resume relações de dependência entre eventos e propriedades observáveis.

O sentido específico do termo "modelo" é discutido, através de seis perspectivas fundamentais. É neste aspecto que a obra penetra no âmago do problema.

Em primeiro lugar o modelo é considerado como sinônimo de teoria. Posição basicamente rejeitada pelas autoras em suas duas modalidades: a do modelo como cópia e a do modelo como simulacro do real – uma colocação realista ou instrumentalista.

Em segundo lugar, dentro da linha de pensamento de Melvin Marx e Chapanis o modelo pode ser entendido como sistema científico não teórico, isto é, como uma analogia através de símbolos.

Em terceiro lugar, o modelo é avaliado como tipo particular de formulação teórica. Neste caso, caracteriza-se por carecer de evidência empírica ou por fundar-se em abstrações e idealizações ou por assentar em quantificações.

Em quarto lugar, discute-se o modelo como interpretação de sistema formal, ou seja, a plataforma semântica. Aponta-se, aqui, a evidente superposição da teoria e modelo.

Em quinto lugar, o modelo pode ser concebido como um sistema isomórfico. Esta perspectiva corresponde ao ponto de vista adotado pelas autoras que enfatizam nesse aspecto a definição de Rudner para o qual ". . . um modelo para uma teoria consiste numa interpretação alternativa do mesmo cálculo, do qual a própria teoria é uma interpretação" (p. 34). Em última análise, o modelo pode ser definido como um padrão específico de rede nomológica, interligando axiomas e teoremas, através de nexos uniformes, qualquer que seja a teoria a que seja aplicado.

Em sexto lugar, o modelo pode ser concebido como objeto de ciência. Esta posição dá margem às autoras para discutirem a natureza do objeto de ciência em termos de sua construção, de sua "descoberta" e de suas relações com dados empíricos.

Segue-se à apresentação destas seis perspectivas, uma informação sobre tipos de modelos correspondentes e, em seguida, um capítulo inteiro (cap. 3), envol-

vendo uma aprofundada "análise crítica", na qual através de exclusões sucessivas chegam as autoras a adotar o sentido *isomorfista* (já aludido), como o mais adequado (p. 59).

A segunda parte da obra oferece uma ilustração do problema, através da apreciação de modelos já existentes.

Um modelo específico – o da teoria da informação é adotado como paradigma dessa ilustração em suas aplicações à psicologia da percepção (cap. 5) e à psicologia da aprendizagem (cap. 6).

Não excluem as autoras a existência de outros modelos aplicáveis aos processos psicológicos, notadamente "o alcance bastante geral da Teoria dos conjuntos e da simulação, o emprego da teoria dos grafos na psicologia social e organizacional, o uso da Teoria da decisão e da Teoria dos jogos no campo do comportamento intencional, competitivo e da aprendizagem. A teoria da detectabilidade do sinal nos estudos sobre percepção, a investigação de certos aspectos estruturais da personalidade e capacidades intelectuais por meio da análise fatorial, os modelos estocásticos como fundamento das chamadas Teorias matemáticas da aprendizagem, além de certos modelos de enorme generalidade, como a cibernética e a Teoria geral dos sistemas no sentido que lhe dá Bertalanffy" (p. 103-4).

A utilização de um modelo básico é justificada para os propósitos da obra e para o seu caráter inicial e pioneiro que nos permite desde já entrever, numa perspectiva de continuidade de uma seqüência, um tratado progressivo e completo em torno desta crucial plataforma da metateoria e da pesquisa psicológica.

A contribuição epistemológica e metateórica deste livro é óbvia, pois todos os que labutam no âmbito da pesquisa sabem como, acima das técnicas utilizáveis, existe hoje o agudo problema dos conceitos de uma ordem mais elevada, aptos a dar sentido a qualquer técnica.

Em nosso idioma é a primeira vez que está sendo colocado o problema crucial do "modelo" a uma análise precisa do ponto de vista lógico e abrangente em termos de opções e de soluções.

Poucas vezes o problema tem sido tratado e discutido com clareza, mesmo além das fronteiras de nosso País. Estamos, portanto, perante uma obra capaz de veicular, através de sua concisão, informações essenciais e atualizadas.

FRANCO LO PRESTI SEMINÉRIO